

# Parâmetros para a criação de um curso semipresencial de leitura em inglês

## Parameters for the creation of a blended course of English based on Reading

Claudio de Paiva Franco<sup>1 2</sup>  
Colégio Pedro II/ UFRJ

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo apresentar e discutir os parâmetros adotados na criação de um curso semipresencial de inglês instrumental em uma escola pública federal no Rio de Janeiro. A partir de revisão da literatura, são tratadas questões relacionadas às práticas efetivamente adotadas no desenho do componente on-line deste curso.

**Palavras-chave:** novas tecnologias, leitura, Internet, Moodle

**Abstract:** This paper aims at presenting and discussing the parameters adopted in the creation of a blended course in English Reading at a federal school in Rio de Janeiro. From the review of literature, it will be addressed issues regarding the practices effectively adopted in the design of the online component of this course.

**Keywords:** new technologies, reading, Internet, Moodle

### 1. Introdução

A contemporaneidade é marcada por transformações na esfera social, cultural, política, econômica e da ordem do saber. É compartilhada a ideia de que a globalização tem um papel muito específico na atualidade. Esse processo de mudança conhecido como globalização e acelerado pelo avanço dos meios de informação e comunicação é responsável por novas formas de interação. Podemos realizar diversas negociações de sentido pela Internet, sem a necessidade de ocupar o mesmo espaço geográfico que nossos interlocutores. Essa “compressão espaço-tempo” (HARVEY, 1992, p. 190) também implica novas formas de ensinar e aprender línguas, uma vez que o ciberespaço traz uma nova forma de comunicação coletiva entre os jovens (LÉVY, 1999).

Esses adolescentes são pertencentes à geração de nativos digitais, isto é, já nasceram em meio a tecnologias digitais, como o computador e a Internet. A tecnologia os acompanha a

---

<sup>1</sup> cpaivafranco@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Este trabalho é composto de excertos da minha dissertação de mestrado (FRANCO, 2009). Recomendo que o leitor consulte o texto original se desejar obter maior detalhamento sobre os assuntos aqui tratados.

cada momento, dentro e fora de sala de aula. Dessa forma, minha percepção enquanto professor de línguas apontava para a necessidade de criar oportunidades de aprendizagem que transgredissem as limitações físicas e temporais do modelo educação convencional. Para tal, seria imprescindível desenvolver e introduzir um componente on-line às aulas presenciais.

A ferramenta digital utilizada para oferecer o componente on-line complementar às aulas língua inglesa (com foco no ensino de leitura) foi o ambiente virtual de aprendizagem (doravante AVA), desenvolvido por meio da plataforma de ensino Moodle. De modo simplificado, um AVA (conceito a ser aprofundado mais adiante) pode ser entendido como uma ferramenta que integra vários recursos digitais e serve de apoio a cursos (semi)presenciais ou ainda de base para se oferecer um curso completamente on-line. Cabe ressaltar que, neste trabalho, adoto o termo semipresencial para justificar a combinação do componente on-line com as aulas face a face de inglês na instituição de ensino investigada.

Na revisão de literatura, encontrei algumas recomendações sobre criação de cursos on-line de modo a nortear minhas escolhas quanto às práticas efetivamente adotadas para a organização do curso semipresencial de inglês instrumental. Tais escolhas resultaram os parâmetros para a elaboração desse curso de leitura instrumental em inglês. Antes de apresentar e discutir esses parâmetros, entretanto, proponho: (1) apresentar a plataforma de ensino a distância Moodle e (2) definir o que é usabilidade e os critérios para uma página com boa usabilidade. Em seguida, ao apresentar os parâmetros adotados na criação do curso semipresencial, destaco os aspectos relacionados ao acesso e familiaridade tecnológica, à ambientação do curso, à comunicação e à participação.

## **2. A plataforma Moodle**

A chamada plataforma de ensino a distância, plataforma de *e-learning*, SGC (“Sistema de Gerenciamento de Cursos” ou CMS – do inglês, *Course Management System*) ou ainda SGA (“Sistema de Gerenciamento de Aprendizagem” ou LMS – do inglês, *Learning Management System*) é um *software* que oferece um conjunto de ferramentas com as quais o professor e/ou *designer* poderá criar um curso completamente on-line ou um componente on-line complementar a um curso presencial. O mercado oferece hoje diversas plataformas, incluindo algumas gratuitas, como Teleduc e Moodle – esta última usada no AVA criado e investigado nesta pesquisa.

O Moodle (<http://www.moodle.org>) é um pacote de software gratuito e livre para a produção de cursos on-line. O termo é um acrônimo para *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment* (Ambiente de Aprendizagem Dinâmico Modular Orientado a Objeto). O ambiente Moodle apresenta vários recursos como, por exemplo, fóruns de discussão, diários, glossários, tarefas, chats, questionários, que podem ser selecionados pelo professor/administrador de forma a atender aos seus objetivos pedagógicos e às necessidades de seus alunos. Além disso, como o Moodle fica hospedado em um servidor, professores e alunos podem ter acesso à plataforma através de qualquer lugar com acesso à Internet.

A plataforma Moodle foi desenvolvida com base em quatro conceitos pedagógicos: (1) o construtivismo, segundo o qual, as pessoas constroem, ativamente, novos conhecimentos ao interagirem com o meio; (2) o construcionismo, que defende que a aprendizagem é, particularmente, efetiva quando algo é construído para os outros utilizarem; (3) o construtivismo social, conceito que engloba a ideia de colaboração dentro de um grupo social, construindo e compartilhando significados; e (4) o comportamento conectado e separado, conceitos que estão relacionados à participação dos indivíduos em discussões. Quando alguém é objetivo e defende suas ideias, assume um comportamento separado. Já quando a abordagem de alguém é subjetiva, tentando compreender o ponto de vista do outro, o comportamento é caracterizado como conectado. O comportamento conectado, portanto, parece estimular a aprendizagem dentro de uma comunidade de aprendizagem, promovendo uma reflexão mais aprofundada e reexame das crenças existentes (WILLIAMS, 2005, p. 4-5).

Dougiamas (1998), australiano criador do Moodle, afirma que a plataforma oferece suporte necessário (ampliando os benefícios de desenvolvimento da compreensão e produção escrita) para estimular múltiplas situações de comunicação entre os participantes. Segundo ele, o Moodle se diferencia de outras plataformas pelo fato de sua interface ter sido desenhada com base no modelo social de aprendizagem, ou seja, centrado no aluno.

A partir dessas potencialidades oferecidas pelo Moodle, considero-o como mais adequado para atender ao meu objetivo pedagógico, isto é, usar um componente on-line para o ensino-aprendizagem de leitura instrumental em inglês através da interação entre os participantes (alunos e professor). Outros fatores como boa navegabilidade, *design* e interatividade também contribuíram para a escolha do Moodle. As páginas dessa plataforma de ensino a distância têm um formato simples, com poucas imagens, permitindo que os alunos enfoquem mais o conteúdo do que a apresentação das páginas em si. Cada página ainda dispõe de *links* para acessar o conteúdo anterior, atual, seguinte e inicial do curso on-line. Quanto à interatividade, é possível que o aluno responda uma questão, sem que possa editar

sua resposta futuramente ou adicionar algum comentário, com a opção de alteração do conteúdo. Há também respostas a atividades de múltipla escolha, sendo fornecida ao aluno uma resposta imediata, do tipo “certo” ou “errado”. E, de forma mais interessante, os participantes co-constroem, em fóruns de discussão, textos sobre determinado assunto, apresentando respostas mais longas e reflexivas.

Na perspectiva de professores, a facilidade de edição de conteúdo e de análise do perfil de cada aluno e da turma são características desejadas. O conteúdo do curso on-line é inserido da mesma forma que em um processador eletrônico de textos. Dougiamas (1999) sugere que esse recurso combinado à constante interação no ambiente on-line pode ajudar o professor a analisar, através da produção escrita dos alunos, aspectos relevantes para que possa dar continuidade ao curso. De forma reflexiva, o professor é levado a fazer os ajustes necessários para que os alunos estejam ativamente inseridos no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Dougiamas (1999), o professor também exerce outras atividades durante um curso no Moodle como, por exemplo, monitorar alunos, estimular e engajar-se em discussões, dar suporte e reformular o conteúdo do curso, a partir da resposta dos alunos.

Agora que já conhecemos a plataforma Moodle, veremos, a seguir, quais os parâmetros adotados para a elaboração do referido componente on-line de leitura instrumental em inglês.

### **3. Parâmetros adotados para a criação do AVA**

Cada lição no curso irá abordar, de alguma forma, um ou mais [...] objetivos gerais. O primeiro passo em uma lição, então, seria reconhecer o modo através do qual sua lição é elaborada para contribuir para esses objetivos. Esse objetivo pode ser mais abrangente, mas ele proporciona um contexto pedagógico para você (BROWN, 2007, p. 164-165).

A citação acima, em princípio, remete-nos à ideia que subjaz ao ato de planejar uma aula convencional. Cabe lembrar que, da mesma forma que planejamos uma aula presencial, devemos proceder ao pensar na melhor maneira de estruturar um curso on-line. Como o meu objetivo é oferecer um componente on-line que ofereça condições para os alunos desenvolverem, colaborativa e reflexivamente, a leitura crítica em língua inglesa sob uma visão sócio-interacional, as atividades on-line propostas devem estar centradas, principalmente, na colaboração e reflexão.

Palloff e Pratt (2007: 19) enumeram quatro práticas que devem ser desenvolvidas pelo professor, por meio do desenho do próprio curso on-line, para que ocorra o desenvolvimento de um ambiente on-line rico em aprendizagem colaborativa e transformativa. São elas: o uso de tarefas colaborativas, a facilitação de discussões ativas, a promoção do desenvolvimento crítico e das habilidades de pesquisa.

Antes de entendermos quais escolhas fizeram parte do planejamento do desenho do AVA, é preciso compreender o conceito e alguns dos princípios para criar uma página da Internet com boa usabilidade. Jakob Nielsen, um dos pesquisadores mais conhecidos como “o pai da usabilidade”, define o termo como um “atributo qualitativo que avalia o quão fácil é utilizar a interface do usuário” (NIELSEN, 1993)<sup>3</sup>.

A usabilidade pode ser definida por cinco componentes básicos: intuitividade, eficiência, memorização, erro e satisfação. Dessa forma, o sistema deve apresentar facilidade de uso, um alto nível de produtividade, suas telas devem apresentar facilidade de memorização, a quantidade de erros apresentados pelo sistema deve ser o mais reduzido possível e o sistema deve permitir uma interação agradável ao usuário, seja ele iniciante ou avançado (NIELSEN, 1993).

Santos (2000) conceitua usabilidade como “a capacidade, em termos funcionais humanos, que um sistema pode ser usado facilmente e com eficiência pelo usuário”. Em se tratando de páginas da Internet, requer-se clareza na arquitetura da informação, facilidade de navegação, simplicidade, relevância do conteúdo, coerência, rapidez e enfoque nos usuários. Dentre as dez recomendações propostas por Nielsen (2002) para aumentar a usabilidade em páginas da Internet, procurei, principalmente, evitar o uso demasiado de gráficos e de imagens despropositadas.

Boa parte das recomendações propostas por Nielsen pode ser seguida devido aos recursos oferecidos pela plataforma Moodle. Entretanto, existem alguns procedimentos mais específicos a serem adotados para a criação de um curso via Internet. A seguir, encontramos, agrupadas em quatro categorias (I- acesso e familiaridade tecnológica, II- ambientação do curso, III- comunicação, e IV- interação), algumas recomendações da literatura (cf. PALLOFF e PRATT, 1999, 2003, 2007; DIGITAL CAMPUS, 2002) para a elaboração de cursos on-line. Considerando tais orientações e o fato de o ensino de leitura instrumental no contexto em foco ocorrer de forma presencial, com encontros semanais, apresento algumas práticas efetivamente adotadas.

---

<sup>3</sup> Trecho original: “Usability is a quality attribute that assesses how easy user interfaces are to use” (NIELSEN, 1993).

Com relação ao *acesso e a familiaridade tecnológica*, a literatura recomenda que a tecnologia empregada atenda aos objetivos da aprendizagem, mantendo-a o mais simples possível. Dessa forma, arquivos pesados e atividades que geralmente só podem ser realizadas por aqueles com conexão banda larga foram evitados. Páginas com animações e sons que pudessem desviar atenção do usuário e que não estivessem diretamente relacionados ao objetivo pedagógico do curso também foram evitadas. Como os materiais de aula não devem representar um problema técnico para os alunos, eles são facilmente localizados e disponibilizados em áreas de fácil acesso na página inicial do Moodle. O conteúdo do curso foi organizado de maneira sequencial, por tópico. Além disso, a literatura sugere que os participantes tenham acesso e familiaridade com a tecnologia utilizada, através de sondagens ou preenchimento de orientações quanto ao uso da tecnologia. Portanto, um levantamento sobre aspectos relacionados à tecnologia foi conduzido durante o início das atividades on-line. Sobretudo, foram disponibilizados, no Moodle, atalhos para download dos programas essenciais.

Quanto à segunda categoria referente à recomendação da literatura – *ambientação do curso* –, é desejável que o curso seja iniciado com introduções, postagem de biografias e preenchimento de perfis. No AVA em foco, estimei os usuários a preencherem o perfil de forma detalhada e com a inclusão de uma foto ou imagem, se possível, que pudesse representá-los. Cada vez que um participante envia uma mensagem ao fórum, sua figura de exibição fica registrada e facilita a identificação de quem a postou. Além disso, no período de ambientação do curso, foram fornecidas orientações importantes para os alunos em relação à organização do conteúdo, como completar o perfil de usuário e links frequentemente utilizados no AVA. Outra alternativa foi enviar essas orientações iniciais por e-mail, com um link direto para o AVA. Dessa forma, caso o aluno tenha alguma dificuldade para acessar a plataforma ou esqueça alguma informação útil, ele poderá retornar ao e-mail enviado.

Outra atividade recomendada no período de ambientação do curso on-line é a do tipo quebra-gelo. Ela deve ser proposta antes das atividades relacionadas à disciplina em si para que os participantes possam conhecer uns aos outros, contribuindo para o processo de formação de uma comunidade on-line. Na ocasião, os alunos foram convidados a postarem, em português ou inglês, apresentações pessoais em que fosse possível conhecer suas preferências gerais. Além de descobrir mais sobre os participantes, esta atividade foi, sobretudo, uma forma de fazer uma avaliação diagnóstica sobre o nível de conhecimento linguístico de alguns alunos.

A inclusão de normas de participação no AVA faz-se necessária durante a primeira semana do curso. Aconselha-se, geralmente, a adoção de uma netiqueta, ou seja, regras básicas que devem ser respeitadas durante o curso para que todos possam participar de forma respeitosa no ambiente on-line. Por se tratar de um grupo de adolescentes, fiz referência à natureza e ao tamanho das mensagens a serem enviadas.

A última recomendação apresentada pela literatura, ainda sobre a fase de ambientação, diz respeito à inclusão de uma área social no ambiente on-line. Foi criado um fórum de socialização, chamado de *School Break*, que oferecia a possibilidade de os alunos discutirem assuntos não necessariamente relacionados às atividades pedagógicas.

Partindo para a terceira categoria de parâmetros estabelecidos no AVA – *comunicação* –, recomenda-se a utilização moderada da comunicação síncrona, mais conhecida como chat. No entanto, o recurso de chat não foi usado em nenhum momento do curso. Dei preferência à comunicação assíncrona a fim de possibilitar que os participantes tivessem tempo para refletir sobre suas respostas, analisar as mensagens dos colegas e, finalmente, contribuir de forma substancial para a discussão. Como havia muitos participantes, seria praticamente impossível reunir todos ao mesmo tempo e com garantia de conexão estável para manter um encontro síncrono.

Propõe-se ainda a incorporação de várias ferramentas de comunicação ao curso para que elas possam facilitar a interação professor-aluno. Para tal, disponibilizei um email válido, MSN e Orkut para que os participantes pudessem entrar em contato comigo em caso de dúvidas.

A quarta e última categoria dos parâmetros adotados para a criação do AVA está diretamente relacionada à *participação*. Com o objetivo de compreender de forma mais clara quais foram as quatro recomendações da literatura (primeira coluna) que iluminaram as práticas efetivamente adotadas (segunda coluna), apresento-as no quadro a seguir.

<b>Recomendação da literatura</b>	<b>Prática adotada</b>
(1) Modele o padrão de participação on-line a partir da natureza e frequência de suas próprias mensagens.	Acredito que apesar de não haver contato físico nesta modalidade de ensino, o professor continua sendo fonte de exemplo para seus alunos. Dessa forma, como eu desejava que meus alunos evitassem abreviações, redigissem de forma clara e objetiva, empreguei esses critérios em minhas mensagens.
(2) Escreva, de forma clara e objetiva, as instruções para a realização de tarefas.	Não somente me preocupei com a transparência nas orientações das atividades, como também a todas acresci um exemplo. Muitos alunos não leem as orientações e só direcionam o olhar para os exemplos ou modelos. Após cada exemplo, ao final da mensagem, procurei inserir frases do tipo “Clique <u>aqui</u> para começar a discussão” ou “Clique <u>aqui</u> para participar desta atividade”, de modo a facilitar a postagem de mensagens/tópicos de discussão.
(3) Comunique aos participantes as expectativas de participação on-line e seja claro sobre as demandas de tempo, datas específicas de postagem e realização de tarefas. Monitore a participação do aluno e investigue mudanças.	Não estabeleci regras de postagem extremamente rígidas de modo a restringir a discussão, mas adotei procedimentos mais flexíveis. Uma estratégia que utilizei, por exemplo, foi a negociação da data-limite para submissão de mensagens. Isto contribuiu para que os alunos se preocupem mais com a natureza das mensagens em si do que com prazos para participar. Assim, além de oferecer maior flexibilidade para que os alunos reflitam sobre suas mensagens, aqueles com acesso restrito à Internet ou com conexão discada podem ter um prazo mais estendido para submeter suas contribuições. Entrei em contato com aqueles alunos cuja frequência de participação diminuiu drasticamente ao longo do curso. Começava com um e-mail de solicitação de participação, questionando o que aconteceu em relação à redução de acesso ao AVA e oferecia ajuda. Como nem sempre obtinha resposta ao e-mail, falava pessoalmente com o aluno em sala de aula. Nos encontros face a face também havia um constante estímulo aos alunos, em geral, acessarem o AVA. Afinal, era a primeira experiência com educação on-line para grande parte deles e é preciso que eles se adaptem às demandas dessa modalidade de ensino. e ler as dos colegas.
(4) Acompanhe frequentemente, diariamente ou até mesmo várias vezes ao dia, dependendo do número de participantes no curso, o que acontece no AVA.	Além de monitorar a participação dos alunos, foi fundamental que eles percebessem que o professor estava presente. Dessa forma, levei em consideração que não era suficiente postar tarefas e me ausentar durante a interação dos alunos.

QUADRO 1: Parâmetros estabelecidos no AVA com relação à participação

#### 4. Considerações finais

Neste estudo, apresentamos e discutimos os parâmetros adotados para a criação de um curso semipresencial de leitura instrumental. Esse curso, cujo objetivo específico é a leitura (isto é, a compreensão de textos escritos), destacou-se por integrar um componente on-line – desenvolvido através da plataforma Moodle – às aulas presenciais de língua inglesa em uma escola pública federal de Ensino Médio.



Uma vasta gama de recomendações da literatura sobre criação de cursos on-line pode nos orientar quanto ao desenho do referido AVA. Entretanto, por se tratar de um curso semipresencial, fez-se necessário adaptar determinadas sugestões para que as atividades propostas pudessem atender às reais necessidades dos alunos e, sobretudo, cumprir os objetivos pedagógicos do professor.

Além levar em consideração aspectos instrucionais e de desenho do curso como, por exemplo, a organização sequencial e previsível de elementos em uma página da Internet, deve-se também incorporar cenários que sejam significativos para o público-alvo. Em outras palavras, o conteúdo disponibilizado e as atividades desenvolvidas devem fazer parte da realidade do aluno e contemplar diferentes estilos de aprendizagem. Sobretudo, não parece apropriado haver espaço para a simples recepção de informação, assim como no modelo pedagógico tradicional. A escolha de uma plataforma de ensino a distância que enfoque a aprendizagem e não apenas possibilite o envio de material estático, deve refletir a postura do professor por meio da adoção de práticas didático-metodológicas que propiciem a formação de alunos mais críticos, participativos e engajados na co-construção de conhecimento por meio da interação com outros parceiros.

## Referências

- BROWN, H. Douglas. *Teaching by Principles*. 3<sup>rd</sup> Edition, Pearson Longman, 2007.
- DOUGIAMAS, Martin. *A journey into Constructivism*. 1998. Disponível em: <http://dougiamas.com/writing/constructivism.html>, acesso em 23.10.2009.
- FRANCO, Claudio de Paiva. *O uso de um ambiente virtual de aprendizagem no ensino de inglês: além dos limites da sala de aula presencial*. Dissertação de Mestrado, Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009. 278p. Disponível em: <http://claudiofranco.com.br/dissertacao.pdf>, acesso em 22.12.2009.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. "Interdisciplinaridade e intertextualidade: leitura como prática social". In: *Anais do 3º Seminário da Sociedade Internacional Português como Língua Estrangeira*, 1996.
- NIELSEN, Jakob. *Homepage: 50 websites*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Usability Engineering*. Morgan Kaufmann Publishers Inc., San Francisco, CA, 1993.

PALLOFF, Rena M. e PRATT, Keith. *Building online learning communities: effective strategies for the online classroom*. Jossey-Bass Publishers, San Francisco, CA, 2007.

\_\_\_\_\_. *The virtual student: A profile and a guide to working with online learners*. Jossey-Bass Publishers, San Francisco, CA, 2003.

\_\_\_\_\_. *Building learning communities in cyberspace: effective strategies for the online classroom*. Jossey-Bass Publishers, San Francisco, CA, 1999.

SANTOS, Robson Luís Gomes dos. *Ergonomização da interação homem-comutador: comutador: abordagem heurística para a avaliação da usabilidade de interfaces*. Rio de Janeiro: PUC, 2000.

WILLIAMS, Bryan C. *Moodle 1.4.3 For Teachers, Trainers and Administrators*. 2005. Disponível em: [http://download.moodle.org/docs/moodle\\_1.4.3\\_for\\_teachers\\_and\\_trainers.pdf](http://download.moodle.org/docs/moodle_1.4.3_for_teachers_and_trainers.pdf), acesso em 23.10. 2009.

Recebido em 08/05/2010.  
Aprovado em 18/06/2010.